

As tessituras do brincar no desenvolvimento infantil

Laiane Correia de Meneses

Sandra Canal

Karla Fernanda Wunder da Silva

Francisco das Chagas Galvão de Lima

DOI: 10.70513/da-infancia-a-vida-adulta.4

Introdução

Brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil e deve ser compreendida como parte integrante do processo de aprendizagem. Mais do que uma simples forma de entretenimento, o brincar representa um espaço de construção de significados, de expressão de sentimentos e de desenvolvimento de múltiplas habilidades. A ludicidade, nesse contexto, é um dos principais eixos da Educação Infantil, como reconhecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), que destacam o brincar como um dos direitos fundamentais da criança pequena.

Autores como Vygotsky (1991) afirmam que, ao brincar, a criança recria situações da vida real, ressignifica experiências e desenvolve sua linguagem, imaginação e funções psicológicas superiores, sendo a brincadeira um instrumento importante para a aprendizagem e o desenvolvimento.

De forma semelhante, Piaget (1998) aponta que o jogo infantil é um reflexo direto do pensamento da criança em diferentes estágios de desenvolvimento, sendo também um meio de assimilar e acomodar novos conhecimentos. Para Winnicott (1975), brincar é uma forma da criança expressar seus sentimentos internos, além de construir uma ponte entre o mundo interno e externo. Dessa forma, percebe-se que o ato de brincar está intimamente ligado ao crescimento integral da criança, influenciando seus aspectos cognitivos, afetivos, motores e sociais.

Apesar dessa compreensão teórica consolidada, muitas instituições de ensino ainda não valorizam suficientemente o brincar como prática pedagógica, tratando-o apenas como um momento de descanso entre atividades consideradas “mais sérias”. Diante disso, surge a indagação que impulsiona esta escrita: qual é a importância do brincar no processo de desenvolvimento infantil e de que forma a prática lúdica pode ser incorporada de maneira eficaz na Educação Infantil?

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a importância do brincar no desenvolvimento infantil, com ênfase na atuação pedagógica na Educação Infantil. Para isso, serão abordados três objetivos específicos: analisar a contribuição das brincadeiras no desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional da criança; discutir o papel do educador na mediação das atividades lúdicas; e identificar propostas pedagógicas que valorizem o brincar como ferramenta educativa.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade de ampliar a compreensão sobre o brincar como direito da criança e como instrumento didático essencial à formação integral do sujeito. Com base na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), é imprescindível que o educador compreenda a brincadeira como eixo estruturante do currículo da Educação Infantil, promovendo experiências significativas e desafiadoras para as crianças.

Kishimoto (2011), importante pesquisadora da área, reforça que o brincar precisa ser reconhecido como linguagem própria da infância, devendo ser explorado pedagogicamente com intencionalidade e sensibilidade.

Este texto se sustenta a partir de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, com base na leitura e análise de obras clássicas e contemporâneas sobre o tema, como os estudos de Vygotsky (1991), Piaget (1998), Winnicott (1975), Kishimoto (2011), entre outros. Além disso, serão utilizadas fontes oficiais como a BNCC (2017), as Diretrizes Curriculares e artigos acadêmicos atuais que tratam da ludicidade no contexto da Educação Infantil.

Assim, espera-se que este estudo contribua para a valorização do brincar como prática pedagógica fundamental e que sirva de subsídio para a formação de educadores comprometidos com o desenvolvimento integral da criança, reconhecendo a brincadeira como linguagem, direito e potência.

O brincar na infância: significado e valor pedagógico

O brincar, na infância, é uma prática essencial que vai além do simples entretenimento, sendo um elemento central no desenvolvimento humano. De acordo com a BNCC, o brincar é um direito da criança e uma das linguagens fundamentais da Educação Infantil (Brasil, 2017).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) reafirmam que o brincar é uma experiência formativa, que deve ser reconhecida pelo educador como um dos eixos estruturantes do currículo. Não é apenas uma atividade lúdica, mas um processo profundo e multifacetado, essencial para a construção de conhecimento e desenvolvimento emocional, cognitivo, social e motor da criança.

Vários teóricos destacam o significado do brincar e seu valor pedagógico. Piaget (1998), por exemplo, abordou a importância do brincar na evolução do pensamento da criança. Para ele, o jogo infantil não é apenas uma atividade recreativa, mas um reflexo das estruturas cognitivas da criança em determinado estágio do seu desenvolvimento.

Nos jogos simbólicos, a criança utiliza objetos de maneira representativa, o que significa que ela começa a organizar o mundo à sua volta, estabelecendo relações, regras e significados. Assim, o brincar funciona como uma forma de assimilação e acomodação de novos conhecimentos, permitindo à criança expandir seu entendimento sobre o mundo e suas interações sociais.

Por outro lado, Vygotsky (1991) contribui para a compreensão do brincar ao abordar a importância das interações sociais no desenvolvimento. Em sua teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ele argumenta que a criança, ao brincar com os outros, ultrapassa seus limites de desenvolvimento individual e alcança novos patamares de aprendizado.

A brincadeira, assim, torna-se um meio de mediação entre o que a criança já sabe e o que é capaz de aprender com o apoio de adultos ou de colegas mais experientes. Segundo Vygotsky (1991), “na brincadeira, a criança está sempre acima de sua idade média, acima de seu comportamento diário; no brinquedo ela é, por assim dizer, uma cabeça acima de si mesma” (p. 117), o que reflete a capacidade de a brincadeira ser uma prática de aprendizagem ativa e criativa.

Winnicott (1975), em sua análise psicanalítica, destaca o brincar como um espaço de expressão emocional e de construção da identidade da criança. Para o autor, o brincar não apenas facilita a construção do ego, mas também é fundamental para o desenvolvimento da criatividade, oferecendo à criança um espaço de “transição”, onde ela pode vivenciar e resolver conflitos internos.

Ao brincar, a criança cria um mundo simbólico onde pode projetar seus sentimentos e fantasias, ajudando a elaborar suas emoções e relacionamentos interpessoais. O brincar, portanto, torna-se um meio de externalizar e processar suas vivências, promovendo sua saúde emocional e psíquica.

Além de ser um direito e um processo essencial de aprendizagem, o brincar tem um valor pedagógico significativo. No contexto da Educação Infantil, o educador deve reconhecer a brincadeira como um meio privilegiado de aprendizagem e como uma linguagem por meio da qual a criança expressa suas necessidades, interesses e potencialidades.

Segundo Kishimoto (2011), o brincar precisa ser compreendido como uma linguagem própria da infância, uma vez que é por meio dele que a criança experimenta a realidade, interage com o mundo à sua volta e constrói seu entendimento sobre os outros. Nesse sentido, o papel do educador é fundamental para garantir que o brincar seja mediado de forma intencional, proporcionando experiências que favoreçam o desenvolvimento integral da criança, respeitando suas particularidades e promovendo sua autonomia e criatividade.

A ludicidade, portanto, possui um valor pedagógico imenso, pois permite que a criança aprenda de forma dinâmica e prazerosa, o que facilita a construção do conhecimento. Como afirmam Santos e Campos (2020), o brincar deve ser considerado um processo de aprendizagem em si, pois é através dele que a criança constrói não apenas o conhecimento cognitivo, mas também o emocional, social e motor. Esse

processo de aprendizagem, mediado pela ludicidade, envolve a construção de significados, a interação com o outro e o desenvolvimento de competências para lidar com as diversas situações da vida.

Assim, compreende-se que o brincar é uma atividade essencial no processo pedagógico, pois é por meio dele que a criança pode aprender sobre o mundo, sobre si mesma e sobre o outro. A sua importância vai além da diversão, sendo um meio para o desenvolvimento de múltiplas competências, como o raciocínio lógico, a socialização, a comunicação, a criatividade e a expressão emocional. Por isso, é imprescindível que o educador reconheça o brincar como um elemento central da prática pedagógica, proporcionando experiências lúdicas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança, respeitando seu ritmo e suas necessidades.

O desenvolvimento infantil e o papel das brincadeiras

O desenvolvimento infantil é um processo contínuo, dinâmico e multifacetado, que envolve aspectos cognitivos, motores, emocionais, afetivos e sociais. As experiências vivenciadas na infância, sobretudo aquelas mediadas pelo brincar, desempenham papel central nesse processo. O brincar, longe de ser uma atividade trivial, constitui um dos principais meios pelos quais a criança se apropria do mundo e desenvolve suas potencialidades. Trata-se de uma prática fundante da infância, por meio da qual a criança experimenta, cria, comunica e aprende.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, Piaget (1998) considera que a brincadeira reflete o pensamento da criança em cada uma das fases do seu desenvolvimento. O autor destaca três tipos de jogos que acompanham a evolução da criança: os jogos de exercício, característicos do estágio sensório-motor; os jogos simbólicos, predominantes no estágio pré-operatório; e os jogos de regras, que surgem no estágio das operações concretas.

Em cada uma dessas fases, o brincar é fundamental para que a criança organize suas experiências, construa noções espaciais, temporais e causais, além de estimular sua memória, atenção e imaginação. “Brincar é a atividade própria da criança, e os jogos são modos de expressar o pensamento infantil” (Piaget, 1998, p. 57).

No campo do desenvolvimento socioemocional, Vygotsky (1991) oferece uma perspectiva complementar ao destacar que a brincadeira promove o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como a linguagem, a atenção voluntária e a memória lógica. Através da interação com outras crianças e com adultos, a criança aprende a lidar com regras, a esperar sua vez, a negociar e a resolver conflitos, desenvolvendo sua autonomia e habilidades de convivência.

Segundo o autor, o brincar é a atividade em que “a criança mais plenamente se realiza como sujeito social e histórico” (Vygotsky, 1991, p. 117), pois nela há mediação entre o mundo real e o mundo imaginário, abrindo espaço para a criatividade e a construção simbólica da realidade.

Winnicott (1975), com uma abordagem psicanalítica, enfatiza o brincar como uma atividade essencial para o amadurecimento emocional da criança. Para ele, a brincadeira é uma área intermediária

entre o mundo interno e externo, possibilitando que a criança projete seus sentimentos, resolva angústias e experimente segurança emocional. O ambiente lúdico oferece à criança condições para explorar a si mesma e ao outro, fortalecendo sua identidade. O autor destaca que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruam sua liberdade de criação” (Winnicott, 1975, p. 79).

Do ponto de vista físico e motor, o brincar proporciona estímulos importantes para o desenvolvimento da coordenação motora ampla e fina, do equilíbrio, da lateralidade e da percepção espacial. Brincadeiras como correr, pular, desenhar, montar ou manipular objetos permitem que a criança conheça os limites do seu corpo, desenvolva destrezas e explore o ambiente ao seu redor. Segundo Martins e Souza (2020), as atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento corporal e são indispensáveis para a integração sensorio-motora da criança, além de promoverem saúde física e bem-estar.

A brincadeira também atua como elemento integrador entre os diferentes domínios do desenvolvimento. Freitas (2021) afirma que o brincar é uma linguagem por meio da qual a criança organiza suas experiências e conecta os diversos aspectos de sua formação. A autora ressalta que, ao brincar, a criança aprende a lidar com regras, a experimentar papéis sociais, a desenvolver a empatia e a expressar emoções. Assim, o brincar é tanto um meio de aprendizagem quanto de expressão subjetiva, sendo indispensável para uma formação integral e humanizadora.

Na perspectiva pedagógica, o brincar deve ser promovido de forma intencional e planejada pelos educadores. A BNCC reconhece a brincadeira como um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança na Educação Infantil, enfatizando que ela deve estar presente diariamente na rotina escolar. O documento propõe que os educadores criem contextos lúdicos que permitam à criança explorar, experimentar, imaginar e se expressar livremente, pois “as brincadeiras possibilitam aprendizagens significativas e contextualizadas” (Brasil, 2017, p. 36).

Portanto, é possível afirmar que o brincar é um recurso pedagógico de alto valor, pois articula aprendizagem e desenvolvimento em todas as suas dimensões. Ele cria oportunidades para que a criança pense, sinta, crie, mova-se, relacione-se e cresça em um ambiente de confiança e curiosidade. Cabe ao educador reconhecer esse potencial, planejar espaços e tempos adequados e promover interações que favoreçam o brincar como instrumento formativo. Como afirmam Santos e Campos (2020, p. 15), “brincar é um jeito de ser e estar no mundo, é uma forma legítima de construir conhecimento, subjetividade e cultura”.

O papel do educador na mediação do brincar

O papel do educador na Educação Infantil vai muito além da função de cuidar: ele é o mediador entre a criança e o conhecimento, e essa mediação ocorre de maneira especialmente significativa por meio do brincar. Longe de ser uma atividade livre de intencionalidade pedagógica, a brincadeira precisa ser compreendida como uma prática educativa fundamental, que deve ser planejada, observada e orientada pelo educador com base nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Como destaca Oliveira (2002), o professor que reconhece o brincar como ferramenta pedagógica é capaz de transformar a sala de aula em um espaço vivo de experiências, onde a criança aprende explorando, criando e interagindo com o mundo.

Mediar o brincar não significa controlar ou dirigir rigidamente a brincadeira, mas sim oferecer contextos ricos, materiais diversos e interações significativas que favoreçam a construção do conhecimento.

De acordo com Vygotsky (1991), o desenvolvimento da criança ocorre na interação com o outro mais experiente, sendo o educador um mediador crucial entre a criança e as aprendizagens possíveis dentro da sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Assim, o educador deve estar atento ao momento em que a intervenção se faz necessária, seja para ampliar o repertório da brincadeira, seja para garantir a inclusão de todas as crianças no processo.

Além disso, o educador desempenha um papel essencial como observador das manifestações infantis. Ao acompanhar a brincadeira, ele coleta informações sobre os interesses, necessidades e dificuldades das crianças, o que permite planejar intervenções mais adequadas e intencionais.

Segundo Kishimoto (2011), é por meio do olhar atento e da escuta sensível que o professor consegue transformar o brincar em instrumento de aprendizagem significativa. A autora argumenta que “a mediação do educador no brincar deve partir da compreensão de que a criança é protagonista e autora de suas ações” (Kishimoto, 2011, p. 43), devendo o adulto atuar como parceiro no processo lúdico, e não como condutor autoritário.

Na prática pedagógica, a organização do tempo, do espaço e dos materiais são também dimensões fundamentais da mediação do brincar. Um ambiente estimulante, com acesso a brinquedos variados, espaços que favoreçam a livre movimentação, e momentos planejados para o brincar, é uma das principais condições para que a ludicidade seja integrada ao currículo de maneira eficaz. Como destaca a BNCC, é dever do educador garantir experiências que respeitem os direitos de aprendizagem das crianças, sendo o brincar uma das formas privilegiadas de expressão, exploração e construção de conhecimentos (Brasil, 2017).

A formação do educador também é determinante para que ele possa exercer esse papel com competência. Professores que compreendem as teorias do desenvolvimento infantil e as abordagens pedagógicas lúdicas tendem a valorizar mais a brincadeira em seu fazer docente. Segundo Silva (2023), a mediação eficaz no brincar exige do educador sensibilidade, conhecimento pedagógico, planejamento e reflexão constante sobre sua prática.

Ao integrar o brincar ao planejamento curricular com intencionalidade, o professor contribui para o desenvolvimento integral da criança e para a construção de uma escola que respeita a infância em sua essência.

Portanto, o papel do educador na mediação do brincar é essencial e vai além do acompanhamento. Ele precisa criar ambientes lúdicos, observar com atenção, intervir com cuidado e garantir que o brincar seja uma experiência de aprendizagem plena. Mais do que permitir que a criança brinque, é necessário

compreender que, ao brincar, ela aprende, e que o professor é o facilitador desse processo. Como afirmam Martins e Souza (2020, p. 38), “a brincadeira é tão potente quanto o adulto que a reconhece como prática educativa e assume a responsabilidade de potencializá-la no cotidiano escolar”.

Práticas pedagógicas e sugestões

A integração do brincar à prática pedagógica na Educação Infantil exige mais do que o reconhecimento de sua importância: é necessário que o educador planeje, organize e proponha situações lúdicas com intencionalidade educativa, respeitando o tempo, os interesses e as singularidades das crianças. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) estabelece que o brincar é um dos direitos fundamentais de aprendizagem e desenvolvimento, devendo estar presente de maneira sistemática e significativa na rotina escolar. Isso implica o compromisso do educador em garantir experiências lúdicas que estimulem o desenvolvimento integral, cognitivo, afetivo, físico, linguístico, social e cultural.

Segundo Kishimoto (2011), as práticas pedagógicas lúdicas precisam oferecer à criança a oportunidade de imaginar, criar, experimentar, repetir e modificar suas ações. Assim, é fundamental que o brincar não seja reduzido a momentos de “intervalo” entre conteúdos, mas sim assumido como linguagem legítima de aprendizagem. Para isso, o educador deve planejar atividades que articulem o brincar com objetivos pedagógicos claros, criando ambientes ricos em estímulos e em interações.

Dentre as práticas mais eficazes na Educação Infantil, destacam-se as rodas de conversa com elementos lúdicos, jogos simbólicos (como casinha, médico, supermercado), atividades com materiais não estruturados (caixas, tecidos, potes), circuitos motores, contação de histórias dramatizadas, brincadeiras cantadas, construção de brinquedos com material reciclável e jogos cooperativos. Tais atividades favorecem tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o social e o emocional, além de promoverem a autonomia e a criatividade (Freitas, 2021, p. 44).

Freitas (2021, p. 45) destaca que “as práticas que valorizam o protagonismo da criança e o envolvimento em atividades significativas ampliam suas possibilidades de aprender com prazer e motivação”.

É importante ressaltar que, para além das brincadeiras dirigidas, o tempo de brincadeira livre é igualmente relevante. Nesse tipo de brincadeira, a criança escolhe como e com quem quer brincar, desenvolvendo habilidades como a tomada de decisão, a negociação e o respeito ao outro.

O papel do educador, nesse contexto, é o de observador atento, que registra, interpreta e planeja com base nas manifestações espontâneas das crianças. Como argumenta Oliveira (2002,p.98), “é na liberdade do brincar que a criança revela seu mundo interior e oferece ao professor subsídios preciosos para a compreensão de suas necessidades e interesses”.

A organização do ambiente também é um aspecto essencial das práticas pedagógicas com foco no brincar. Um espaço acolhedor, seguro, acessível e esteticamente agradável, com a disposição

de materiais diversos ao alcance das crianças, estimula a exploração e a autonomia.

A proposta de “cantos de atividades”, como o canto da leitura, o canto da construção, o canto da fantasia e o canto da natureza, permite que as crianças se envolvam de maneira ativa e significativa com diferentes linguagens e experiências. Segundo Lima (2022, p. 40), “a organização do ambiente escolar deve favorecer o brincar livre, a exploração investigativa e a convivência, garantindo à criança o direito de ser protagonista do seu próprio aprendizado”.

Além das práticas em sala, é essencial integrar a ludicidade em projetos pedagógicos maiores, que envolvam famílias e comunidade. Propostas como semanas culturais, oficinas de brinquedos, feiras de brincadeiras tradicionais e vivências intergeracionais fortalecem os vínculos afetivos e valorizam a cultura da infância, ressignificando o papel do brincar em sociedade.

Portanto, planejar práticas pedagógicas que valorizem o brincar requer sensibilidade, criatividade e formação crítica por parte do educador. É necessário compreender o brincar como uma ação pedagógica potente, que integra, ensina, desenvolve e transforma. Como afirmam Santos e Campos (2020, p. 43), “quando o brincar é reconhecido como centro das práticas pedagógicas, a escola passa a ser espaço de alegria, descoberta e liberdade para a infância”.

Considerações finais

Este texto teve como propósito compreender a relevância do brincar no processo de desenvolvimento infantil, com ênfase na Educação Infantil e no papel do educador como mediador das experiências lúdicas. A partir da análise teórica realizada, constatou-se que o brincar não se limita a uma atividade espontânea ou de entretenimento, mas representa um componente fundamental na construção do conhecimento, na expressão de emoções e na vivência de interações sociais significativas.

O brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança, promovendo avanços em aspectos cognitivos, sociais, afetivos, motores e emocionais. Ao brincar, a criança experimenta, simboliza, explora o mundo à sua volta e se afirma como sujeito ativo de sua aprendizagem. Nesse contexto, o ambiente escolar torna-se um espaço privilegiado para potencializar essas experiências, desde que as propostas pedagógicas estejam alinhadas à valorização da ludicidade.

A atuação do educador é essencial nesse processo, pois é ele quem organiza o espaço, observa, intervém e cria condições para que o brincar ocorra de maneira intencional e significativa. Práticas pedagógicas que reconheçam o valor do brincar — tanto em sua forma livre quanto dirigida — favorecem a construção de vínculos, a autonomia e o respeito às singularidades da infância.

Portanto, o brincar deve ser compreendido como uma linguagem própria da criança e uma estratégia indispensável ao processo educativo. Integrar o brincar ao cotidiano escolar de forma planejada e consciente é garantir uma educação que respeita as especificidades da infância e que promove aprendizagens verdadeiramente transformadoras. Como continuidade desta reflexão, sugere-se o aprofundamento

de estudos voltados à ludicidade em contextos inclusivos, às mudanças nas brincadeiras mediadas por tecnologias e à participação das famílias na valorização do brincar como prática educativa.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FREITAS, Maria Tereza Silva de. **Brincar e aprender**: a importância do lúdico na educação infantil. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

LIMA, Carolina B. de. **Ambientes lúdicos na educação infantil**: práticas pedagógicas e organização do espaço. Curitiba: Appris, 2022.

MARTINS, Elaine C.; SOUZA, Juliana R. **Brincar na infância**: desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Vozes, 2020.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **A criança e o número**: implicações psicológicas da construção do número numa perspectiva construtivista. São Paulo: Scipione, 2002.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1998.

SANTOS, Maria Aparecida dos; CAMPOS, Sônia Regina de Souza. **Brincar e educar**: fundamentos e práticas na educação infantil. 3. ed. Campinas: Papirus, 2020.

SILVA, Fernanda Aparecida da. **Mediação pedagógica e ludicidade**: práticas docentes na educação infantil. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.